

Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema

Alan Arkin: O Comediante Assustado

7 e 9 de setembro de 2023

THE IN-LAWS / 1979

(Por Favor Não Matem o Dentista)

Um filme de Arthur Hiller

Realização: Arthur Hiller / **Produção:** Warnes Bros / **Diretores de Produção:** Alan Arkin, Arthur Hiller, William Sackheim, Dorothy Wilde / **Argumento:** Andrew Bergman / **Direção de Fotografia:** David M. Walsh / **Edição de Imagem:** Robert Swink / **Música:** John Morris / **Design de Produção:** Pato Guzman / **Interpretações:** Alan Arkin, Peter Falk, Richard Libertini, Nancy Dussault, Penny Peyser, Arlene Golonka, Michael Lambeck / **Estreia Mundial:** 15 de junho de 1979, EUA / **Estreia Nacional:** 20 de dezembro de 1979 / **Duração:** 103 minutos / **Cópia:** DCP a cores, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / Primeira apresentação na Cinemateca.

Este **The In-Laws** (que deu azo a uma menos bem recebida adaptação em 2003, protagonizada por Michael Douglas e Albert Brooks) é, em última instância, um duelo: por um lado, um Peter Falk pós-Colombo que é um agente da CIA trapaceiro, inconveniente, mas de bom coração, e um Alan Arkin racional, sério, “normal” como o próprio aponta, desesperado, enquanto fala com Barry (interpretado por Ed Begley Jr.) na tentativa de se desvincular das encrencas em que o genro o meteu - e numa das declarações que pretendem lembrar o espectador (o que acontece várias vezes) do desenquadramento deste protagonista, que é sempre de quem o público mais se aproxima, aquele que testemunha e reage ao absurdo de todo este divertido inferno, à *screwball* – “I’m just a normal and patriotic american citizen”.

A química entre os dois atores é inegável e compõe o corpo fundamental do filme, alimentando a comédia e a fluidez da narrativa – é um filme ligeiro (não, no sentido pejorativo), que passa tão velozmente quanto as várias perseguições de carro em que este desconjuntado duo se envolve. De acordo com Andrew Bergman, a ideia para **The In-Laws**, ainda antes do argumento estar resolvido, terá mesmo partido da vontade de Falk e Arkin em trabalharem em conjunto: “*Warner Bros. said to me, Alan Arkin and Peter Falk want to do a movie together. And I thought immediately, ‘Didn’t they do a movie?’ It’s like, they seemed so perfect for each other! Their personalities, you have a rabbit and a tortoise. You get a hysteric, a person who seems to have no feelings whatsoever...and I hate constructing plots, hate it more than anything, but I love constructing characters, and this was the perfect thing where the characters were the plot. Whatever Peter said to Alan, that was the plot.*”

O filme, que veio a proporcionar o único encontro destes dois atores no grande ecrã, acabou por se cimentar como uma das comédias mais reconhecidas de Arthur Hiller (ao lado, talvez, de **See No Evil, Hear No Evil**, também centrado numa desastrosa dupla, neste caso com Richard Pryor e Gene Wilder), ainda que tenha recebido uma receção mista à altura, com exaltações ao argumento e ao encontro *made in heaven* de Falk e Arkin, mas também críticas ao “demasiado *slapstick*” e à “pouca loucura de mesa de jantar” (apontamento, talvez, injustificado, por uma das grandes cenas do filme corresponder, exatamente, a essa expectativa). Hoje, a crítica (a *Premiere Magazine* elegeram-o como a 32ª melhor comédia de sempre), a reedição do filme (de que a cópia

a apresentar é exemplo), ou a tal adaptação de 2003, parecem provar como resistiu às provações do tempo, ao contrário de tantas comédias “meet-the-parents”.

Voltemos, no entanto, à narrativa e à caracterização que Sheldon Kornpett, interpretado por Alan Arkin, faz de si próprio – ao seu caráter “normal e patriótico”, indício estandardizado do indivíduo na sociedade norte-americana a que se alia, claro, um terceiro elemento implícito (cereja no topo do bolo), a importância da família e, aí, o estatuto de Sheldon enquanto pai, de que temos apenas breves relances (porque, no fundo, o casamento ao centro de tudo nunca deixa de ser o de Arkin/Falk) ao início do filme, na conversa com a filha – impõe as suas frustrações sobre a mesma, querendo impedir, egoisticamente, o casamento com o filho de Vince (a personagem interpretada por Falk), por não se identificar com a estranheza do genro; é aí que a filha, numa argumentação inesperadamente freudiana (justifica-se este apontamento da personagem com o dado de que estuda psicologia), o convence do seu erro, e ele acede; toda a narrativa se poderá conter nesta sequência, onde da irracionalidade se passa à ponderação, à revelação de uma boa surpresa, o coração.

Afinal, depois de todos os esquemas em que se veem envolvidos, descobre-se que Vince, nunca terá mentido, sempre fora, de facto, um agente de CIA, contra as expectativas de Sheldon e do próprio espectador, como que numa recompensa pela sua desajeitada simpatia (“there’s something lovely about the guy” confessa a personagem de Arkin, a dada altura) que é, simultaneamente, a revelação da maior das ironias. É nesta doçura que entra o *happy wedding*, o casamento final como celebração das vicissitudes da família, porque apesar das particularidades de cada um, das distâncias que possamos assumir perante ela, ou dos atos menos éticos que possamos fazer em seu favor (tudo partiu da vontade de Vince em querer oferecer uma boa maquia de dinheiro ao filho, no casamento) esta será sempre (pelo menos, aqui) o pilar – tudo fica bem, porque seria demasiado imoral ficar mal. Tanto que os roubos, as perseguições, as manipulações são todas aliviadas, justificadas, com a revelação de Vince – e, logo de seguida, com o seu renunciar ao cargo de agente, já não colocando agora, com os seus métodos menos ortodoxos, mais ninguém em perigo.

No fim de contas, o casamento, a união, o amor paternal, não podem ser quebrados, nem pelo mais caótico *madcap* – ainda que para isso seja necessária a perseguição por *snipers*, ou o quase fuzilamento por um idiossincrático general latino-americano. A recompensa concretiza-se: a oferta de um milhão de dólares a cada um dos filhos, perante a incredulidade de ambos. Na verdade, tudo aqui gira à volta do dinheiro, ou não fosse esta uma comédia norte-americana: o objetivo de todo este atribulado dever consiste em travar uma conspiração que poderá provocar uma crise de inflação nos EUA para que, ao fim, se possa oferecer um generoso punhado de dólares aos respetivos filhos no casamento. A comédia assume essa extravagância (talvez falar de cinismo seja demasiado), mas paradoxalmente, à americana, nunca deixa de o ver como um dos mais poderosos sinais de amor, o abraço que com que Vince paga ao filho por nunca ter jogado *baseball* com ele, numa longínqua avenida da infância.

Miguel Pinto